

HOMOFOBIA E SEXUALIDADE: A AGRESSIVIDADE DO “PALAVRÃO” COMO FORMA DE MANIFESTAÇÃO DO *BULLYING* NO AMBIENTE ESCOLAR¹**HOMOPHOBIA AND SEXUALITY: THE AGGRESSIVITY OF THE “SWEAR-WORD” LIKE FORM OF MANIFESTATION OF THE BULLYING IN THE SCHOLAR AMBIENT**Aparecido Francisco dos Reis²
Gabriel Zamian de Carvalho³**Resumo**

O objetivo deste artigo é fazer uma discussão acerca da pesquisa das ocorrências de *bullying* relacionadas aos “palavrões” na escola Arlindo Andrade Gomes. A ideia central é verificar os tipos de palavrões mais conhecidos e utilizados por alunos com o objetivo de ofender, provocar, inferiorizar e identificar homossexuais. Para a realização da pesquisa, foram utilizados trabalho de campo, entrevistas com membros da comunidade escolar e realização de oficinas. A principal ocorrência de palavrões é através de brincadeiras entre amigos, mas implicitamente, a idéia da homofobia está presente nestas brincadeiras. O cunho homofóbico dos palavrões é identificado pelo significado destes, o qual se refere a expressões também utilizadas nas práticas de *bullying*. Mesmo que a utilização do termo seja para alguma brincadeira, é reproduzida a ideia da homossexualidade como algo ruim, também sendo utilizados para este fim, palavrões que inferiorizam comportamentos dados como femininos, sendo os mesmos empregados para ofender tanto homossexuais quanto heterossexuais.

Palavras-chave: *bullying*. homophobia. escolar.**Abstract**

The objective of this research is to verify the bullying occurrences related to the more known “swear-word” and used by pupils aiming of offend, provoke, abash and identify homosexuals. For the realization of research, was used qualitative methods like fieldwork, interviews and workshops with members of scholar community. The main “swear-word” occurrence is through jokes between friends, but implicitly, the homophobic idea is present in these jokes. The homophobic stamp of the “swear-word” is identified by the meaning of this, which refers to expressions used too in bullying practices. Even though the use of term is for some joke, is reproduced the idea of homosexuality like a bad thing, also used to this purpose, “swear-words” that diminishes the behaviors considered feminine, being used “swear-words” to offend both heterosexuals like homosexuals.

Keywords: *bullying*. Homophobia. School.

¹ Esta pesquisa faz parte do projeto “A violência e o preconceito homofóbico no *bullying* escolar”, coordenada pelo Prof. Dr. Aparecido Francisco dos Reis, que consiste na pesquisa com alunos, professores e ocorrências de *bullying* na escola, sendo este artigo focado na investigação com o alunado.

² Possui Doutorado em Serviço Social, Trabalho e Sociedade pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2001). Atualmente é adjunto IV na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

³ Graduando de Ciências Sociais pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, bolsista PIBIC UFMS/CNPq.

1. INTRODUÇÃO

O *bullying* no ambiente escolar é a ação motivada por atitudes discriminatórias de uma pessoa ou um grupo contra um indivíduo ou grupo social em situação de vulnerabilidade, sendo também a manifestação de diversos tipos de preconceitos contra aqueles que destoam dos padrões normativos da sociedade. O *bullying* homofóbico é uma dessas manifestações, em que indivíduos que possuem sexualidades consideradas como dissidentes ao padrão heteronormativo da sociedade são frequentemente alvo desta violência, podendo ela ser física e/ou psicológica.

O dicionário de Houaiss (2001) define o “palavrão” como uma palavra grosseira e/ou obscena, sendo que possui caráter ofensivo, mesmo que nem toda palavra ofensiva seja considerada “palavrão”. No domínio da sexualidade, obsceno é aquilo que não está de acordo com o padrão de pudor definido socialmente. Para Magalhães (1960), o estereótipo pode ser definido como uma representação coletiva, consistindo em um esquema, verbalizado ou não, no qual as características de indivíduos, grupos ou instituições são simplificadas ou reduzidas a uma imagem cuja evocação pode provocar as mais diversas descargas emocionais.

Com base nos estereótipos homossexuais criados pela sociedade e com o significado sexual de alguns palavrões, alguns alunos podem sofrer o *bullying* homofóbico devido à representação de seus atos motores, gestos e fala estereotipada, havendo também, em várias ocasiões, a comparação do comportamento do homossexual ao comportamento feminino. Estes palavrões também são utilizados não somente por heterossexuais para ofender diretamente a indivíduos de sexualidades consideradas desviantes, mas são reproduzidos por indivíduos das diferentes sexualidades e identidades de gênero como um meio para ofender de algum modo ao outro, remetendo à ideia da homossexualidade ou do comportamento feminino como uma característica depreciativa. Estes comportamentos discriminatórios são denominados *bullying*, “termo em inglês que designa comportamentos violentos na escola no intuito de intimidar e agredir alunos e alunas que não fazem parte de determinado padrão social”. (BORGES et al., 2011, p. 23).

Neste sentido, o objetivo desta pesquisa é verificar ocorrências de *bullying* relacionadas aos “palavrões” na escola “Arlindo Andrade Gomes” com a finalidade de identificar os tipos de palavrões mais conhecidos e utilizados por alunos com o objetivo de ofender, provocar, inferiorizar e identificar homossexuais.

2. METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada através de trabalho de campo, feito por meio de observações com a finalidade de identificar as ocorrências de *bullying* e palavrões mais utilizados e seus objetivos no discurso dos alunos, tendo sua duração um ano, abrangendo o segundo semestre do ano de 2013 e o primeiro semestre de 2014. O acesso ao campo foi possível devido à conversa do coordenador do projeto de pesquisa com a vice-diretora da escola.

As observações foram realizadas dentro de salas de aula e nos corredores da escola durante os períodos de aula e intervalos, respectivamente, com o objetivo de poder ter maior contato com o cotidiano dos alunos e assim compreender as representações e sentidos utilizados por estes na reprodução dos discursos heteronormativos e sexistas através dos palavrões e ocorrências de *bullying*. Foram também realizadas oficinas sobre *bullying*, havendo ampla participação dos alunos da escola, para observar o que estes alunos entendem por *bullying* e se já vivenciaram casos. As entrevistas foram realizadas em parte utilizando-se um roteiro fechado, enquanto outra parte realizou-se por meio de conversas informais durante as aulas, intervalos e, em algumas ocasiões, via rede social, no caso, o *Facebook*⁴.

A coleta de dados foi feita principalmente por meio de pesquisa de campo, consistindo em observações à escola “Arlindo Andrade Gomes” para se ter contato com o cotidiano dos alunos. Nas primeiras visitas, havia o acompanhamento da coordenadora da escola até a porta da sala de aula, apresentava o pesquisador ao professor, explicando o porquê da sua presença. Posteriormente ou após algum tempo frequentando regularmente a escola não era necessário o acompanhamento da coordenadora, somente a autorização dos professores para a entrada em sala de aula, mas ela estava ciente da presença do pesquisador.

Inicialmente, no primeiro semestre de observações, houve o estranhamento causado pela presença do pesquisador. Os alunos olhavam desconfiados e se mantinham mais comportados do que o habitual, sendo esta conclusão tirada com observações posteriores. Houve também um erro com relação à forma de como coletar dados, na qual o pesquisador sentava-se à mesa do professor, de frente para os alunos, esperando algum evento acontecer, tendo pouco contato com os mesmos. Devido a esta estratégia de pesquisa a princípio adotada, o material coletado não foi satisfatório, gerando certa frustração com o trabalho de campo inicialmente.

⁴ <www.facebook.com>.

Em Geertz, é observada a necessidade da “imersão” nos costumes do outro, como demonstrou em seu texto “Notas sobre a briga de galos balinesa”:

Eles estavam enganados. No meio da terceira rinha, com centenas de pessoas em volta, inclusive eu e minha mulher, ainda transparentes, um superorganismo, no sentido literal da palavra, um caminhão cheio de policiais armados de metralhadoras, surgiu como bloco único em torno da rinha [...] Seguindo o princípio antropológico estabelecido. ‘Quando em Roma...’, minha mulher e eu decidimos alguns minutos mais tarde que os demais, que o que tínhamos a fazer era correr também[...]Vendo minha mulher e eu, ‘brancos’, lá no pátio, o policial executou a clássica aproximação dúbia. Quando recobrou a voz, ele perguntou, em tradução aproximada, que diabo estávamos fazendo ali. Nosso hospedeiro de cinco minutos saltou instantaneamente em nossa defesa. (GEERTZ, 1976, p.186-187).

No trecho, Geertz cita a importância do contato com o nativo e a “imersão” em sua cultura. A partir disso, no segundo semestre de pesquisa, foi repensado o posicionamento em sala e passei a sentar agora apenas entre os alunos, no meio da sala de aula. Foram dois meses sem visitas devido ao recesso escolar, compreendendo de dezembro a janeiro, sendo este tempo utilizado para a realização de leituras sobre trabalhos de campo.

Devido ao pouco contato e ao recesso escolar, os alunos ainda mantinham uma relação de estranhamento, em que nas poucas conversas, era perguntado o porquê da presença do pesquisador. Devido às constantes idas à escola, de dois a três dias por semana, especificamente em duas salas (turmas do 1ºG e 2ºG do ensino médio noturno) para que houvesse uma melhor interação com os alunos, com o tempo, estes foram se acostumando e já conversavam mais abertamente a respeito de sua vida cotidiana.

Um primeiro meio para conseguir uma melhor interação com os alunos foi, inicialmente, rir das piadas e brincadeiras que faziam, pois segundo Jorge Leite Júnior, “um elemento característico da cultura popular e suas manifestações é justamente o riso nos vários tipos de humor” (LEITE JÚNIOR, 2006, p. 83). Assim, rir das piadas e brincadeiras dos alunos foi um meio de demonstrar pontos em comum nos costumes do pesquisador com os deles, abrindo um caminho para iniciar conversas com mais facilidade.

Outro meio utilizado foi participar da “intera”⁵ para comprar uma garrafa de refrigerante. Outra maneira também foi manter contato por rede social, no caso, o *Facebook*. Afinal, foi observada a frequente utilização de telefone móvel com acesso à rede mundial de

⁵ Gíria utilizada pelos alunos, tendo o mesmo significado de “vaquinha”, ou seja, um grupo de alunos junta dinheiro para comprar algo.

computadores, com a finalidade de se conectar às redes sociais. Assim, com a assiduidade do pesquisador conectado às redes sociais, foi possível manter contato com alguns deles também fora da sala de aula.

Com a maior frequência das conversas entre os alunos e o pesquisador na sala de aula, ao final do período reservado para a ida às salas, durante uma conversa com a coordenadora acerca das oficinas que seriam realizadas, foi repassada por ela uma reclamação dos professores sobre as conversas nos períodos de aula. Apesar disso, é demonstrada em Geertz a necessidade de haver um bom contato com a população pesquisada, mesmo que haja alguma transgressão, pois os alunos conversam durante as aulas, sendo este aspecto importante para a pesquisa, assim como Geertz frequentou a rinha de galos balinesa mesmo esta sendo proibida no país:

Na aldeia todos sabiam que havíamos fugido como todo mundo. Repetidamente nos indagavam (eu devo ter contado a estória, com todos os detalhes, pelo menos umas cinquenta vezes antes que o dia terminasse), de modo gentil, afetuoso, mas bulindo conosco de forma insistente: ‘Por que vocês não ficaram lá e contaram à polícia quem vocês eram?’ ‘Por que vocês não disseram que estavam apenas assistindo e não apostando?’ ‘Vocês estavam realmente com medo daquelas armas pequenas?’ Mantendo sempre o sentido cinestético, mesmo quando em fuga para salvar suas vidas (ou, como aconteceu oito anos mais tarde, entregando-as), de povo mais empertigado do mundo, eles imitavam, muito satisfeitos, também repetidas vezes, nosso modo desajeitado de correr e o que alegavam ser nossas expressões faciais de pânico. Mas, acima de tudo, todos eles estavam muito satisfeitos e até mesmo surpresos porque nós simplesmente não ‘apresentamos nossos papéis’ (eles sabiam sobre isso também), não afirmando nossa condição de Visitantes Distintos, e preferimos demonstrar nossa solidariedade para com os que eram agora nossos co-aldeões. (GEERTZ, 1976, p.187).

3. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA E DISCUSSÃO

A partir da pesquisa de campo, observa-se que os principais palavrões utilizados pelos alunos da escola fazem referência à homossexualidade e ao sexo feminino, como características consideradas depreciativas. Alguns xingamentos usados são “viado”, “bicha”, “pau no cu”, “filho da puta”, “caralho”, “porra”, “vai tomar no cu” e, com menos recorrência, “mulherzinha” e “boiola”, alguns termos são utilizados para caracterizar comportamentos, como “viadagem” e “boiolagem”. Estes palavrões estão no vocabulário tanto de alunos quanto de alunas das diversas sexualidades. Os termos “viado”, “bicha”, “pau no cu”, “vai toma no cu”, “boiola”

“viadagem” e “boiolagem” fazem menção às características e comportamentos homossexuais, enquanto “mulherzinha”, às características e comportamentos femininos. Nos discursos reproduzidos pelos alunos, observa-se a ideia de equivalência entre homossexual e mulher, pois na concepção deles, um homossexual seria “um homem que quer ser mulher”, ou seja, não é clara a diferenciação entre identidade de gênero e orientação sexual, confundindo-se as ideias de homossexual e mulher.

Estes palavrões são utilizados principalmente em brincadeiras e conversas. Nestas brincadeiras, é reproduzida a ideia de que, principalmente para homens, possuir características homossexuais e/ou femininas é ruim, assim, mesmo em brincadeiras, quando há o objetivo de ofender, os alunos utilizam tais termos, reproduzindo inconscientemente o discurso heterossexista. As referências à feminilidade como algo ofensivo pode ser justificada com Bourdieu (1998) segundo o qual "o homem "verdadeiramente homem" é aquele que se sente obrigado a estar à altura da possibilidade que lhe é oferecida de fazer crescer sua honra buscando a glória e a distinção na esfera pública". Em Passamani (2009) “a virilidade é uma categoria relacional e ela precisa ser comprovada e reconhecida pelos outros, nunca apenas pelo sujeito da ação”, ou seja, o homem deve mostrar virilidade, logo, assumir certo comportamento que é imposto como um comportamento masculino (jeito de andar, sentar, cruzar as pernas, falar etc.).

Assim, quando na escola algum aluno realiza certas ações ou possui determinados comportamentos que não são dados como masculinos, tornam-se alvo de piadas e brincadeiras. Isso foi observado em uma das visitas à sala de aula. Na ocasião um aluno apoiou suas duas mãos a uma mesa para conversar, cruzou a perna direita com a esquerda, curvando-se, fazendo com que suas nádegas fossem realçadas devido à posição, enquanto outro aluno viu e comentou: “olha isso, perninha cruzada”, se referindo a uma posição que ele considerava afeminada, utilizando de uma conotação ofensiva que foi atribuir àquela posição uma postura feminina. Quanto ao comportamento das alunas, por estas já ocuparem uma posição subalterna devido à desigualdade de gênero, é considerado normal quando utilizam algum acessório classificado como vestuário masculino, como bonés de aba reta, ou realizam alguma ação como uma sentar no colo da outra, pois está dentro do imaginário heterossexista que erotiza a mulher, considerando que esta deve servir para o homem, independentemente de sua orientação sexual. Apesar destas ações e vestuário, a mulher ainda deve possuir um comportamento feminino, caracterizado pela delicadeza e fragilidade, uma vez que há uma repressão sobre mulheres que

possuem comportamentos dados como masculinos, pois transgridem seu universo de submissão, atingindo um espaço masculino.

O comportamento homossexual é considerado depreciativo devido às relações de poder presentes no discurso heteronormativo, o qual considera as outras sexualidades como “anormais” ou desviantes. Esta ideia surge a partir do século XIX, na criação de uma *scientia sexualis*, em que as sexualidades foram estudadas por profissionais das áreas biomédicas, como médicos e psiquiatras, que, pautados apenas pelo âmbito biológico, patologizavam comportamentos que não estavam de acordo com a norma heterossexual, como foi observado por Foucault:

O crescimento das perversões não é um tema moralizador que acaso tenha obcecado os espíritos escrupulosos dos vitorianos. É o produto real da interferência de um tipo de poder sobre os corpos e seus prazeres. Talvez o Ocidente não tenha sido capaz de inventar novos prazeres e, sem dúvida, não descobriu vícios inéditos, mas definiu novas regras no jogo dos poderes e dos prazeres: nele se configurou a fisionomia rígida das perversões. (FOUCAULT, 1976, p.55-56).

O termo “patologizar” é utilizado no sentido de que comportamentos dados como anormais são considerados doenças e assim inicialmente foi tratada a homossexualidade, como uma patologia. Esta ideia é explicitada, por exemplo, no livro “Medicina legal” de Genival Veloso de França (1972), o qual era professor titular da Universidade Federal da Paraíba e Regional do Nordeste. No livro, o termo usado para homossexualidade é “homossexualismo”. Para o autor, o “homossexualismo” é considerado como anormal e tratado como distúrbios do instinto sexual: “Para nós, o homossexualismo, por si mesmo, é a prova indiscutível de uma personalidade anormal, pelas profundas modificações do caráter e da afetividade” (FRANÇA, 1972, p. 167) e “Seja qual for sua etiologia, o anormal necessita de tratamento e deve ser considerado como um caso estritamente médico” (FRANÇA, 1972, p. 167); além da homossexualidade, outras práticas sexuais como a masturbação e o BDSM⁶ são consideradas também como distúrbios, explicitando o conceito de normatividade que não atinge somente a homossexualidade. Em 1990 foi retirado da Classificação Internacional das Doenças (CID) o código 302.0, o qual classificava a homossexualidade como doença.

⁶ *bondage/domination, domination/submission, sadism/masochism*

Apesar de não ser considerado mais uma patologia, o comportamento homossexual é ainda visto como anormal devido ao discurso heterossexista ainda reproduzido pela sociedade. Logo, a presença deste discurso é observada nas falas dos alunos e alunas por estarem em meio a essas relações de poder. Um dia, observando a conversa entre duas alunas, foi feito o seguinte comentário: “nada contra *gays*, mas acho nojento ver homens se pegando⁷”, descrevendo o que viu durante uma festa à qual ela foi durante o fim de semana. Como o comportamento homossexual é dado como anormal, são utilizadas palavras referentes a este tipo de comportamento para a ofensa, mesmo que usadas em piadas. Segundo Richard Miskolci:

A heteronormatividade seria a ordem sexual do presente, na qual todo mundo é criado para ser heterossexual, ou – mesmo que não venha se relacionar com pessoas do sexo oposto – para que adote o modelo da heterossexualidade em sua vida. (MISKOLCI, 2012, p. 15).

Como demonstrado pelo autor, tanto heterossexuais quanto outras sexualidades reproduzem a norma heterossexual, assim, a violência homofóbica não se dirige igualmente a todos e todas homossexuais, mas ocorre mais frequentemente com quem transgide essa norma, logo, há a reprodução do modelo heterossexual também por pessoas assumidamente homossexuais.

Diversas vezes foram observados os alunos trocando xingamentos principalmente em brincadeiras, as quais utilizam palavrões e riem. Em várias brincadeiras, os xingamentos estão presentes como forma de ofensa e os principais utilizados para ofender são os citados anteriormente, como “viado” e “bicha”.

Em entrevistas com três alunos que disseram ser homossexuais (um homem e uma mulher) e bissexual (um homem) assumidos, disseram que nunca sofreram agressões físicas e verbais devido à orientação sexual. Relataram que fora da escola, as pessoas olham muito seus respectivos jeitos de agir, mas que se sentem respeitados dentro da escola, apesar de já escutarem algumas piadas sobre homossexualidade, sendo que o aluno homossexual disse: “não gosto de ser chamado de bicha”, evidenciando também a concepção de “ofensa” e “agressão” deste aluno, ou seja, apesar de não gostar de ser chamado de “bicha”, releva por considerar uma brincadeira.

O aluno homossexual diz ter descoberto sua orientação sexual por volta dos 14 anos, que sua mãe acha que isto é apenas “uma fase da vida” e que logo “vai passar”, enquanto o pai

⁷ Se pegando, no sentido de se beijando.

não sabe de sua orientação, convive mais com meninas e considera-se boa sua convivência escolar. A aluna homossexual relatou que assumiu sua orientação sexual por volta dos 13 anos e que quando seus pais descobriram sua orientação não a aceitaram, relatando que diversas vezes já escutou piadas homofóbicas, mas diz ignorar; relatou em conversas na sala que já sofreu agressões do pai, dizendo que ele a enforcou com o braço e deferiu um golpe em seu rosto, causando sangramento por ela usar aparelho ortodôntico, podendo estas agressões ser impulsionadas devido a sua sexualidade e identidade de gênero (mulher homossexual). O aluno bissexual diz não descoberto sua orientação sexual com uma idade definida, que “sempre foi desse jeito”; quanto aos palavrões, disse que todos os alunos, inclusive ele, dizem palavrões também de cunho homofóbico em vários momentos como forma de brincadeira; em relação à família, disse não ter contato com seu pai, mas sua mãe aceita sua orientação.

De acordo com as entrevistas, observa-se a concepção de “ofensa”, “agressão” e “brincadeira” entre os alunos, não se considerando casos de piadas homofóbicas como um tipo de agressão, dizendo eles que nunca sofreram agressão na escola, mas, segundo Gomes e Lucca:

A ‘piadinha’, a ‘chacota’ ou a repreensão direta por parte da família e de outros grupos importantes para o indivíduo quanto a um comportamento indesejável (como o menino que brinca com meninas e com brincadeiras específicas de meninas, o jeito ‘efeminado’ etc) funcionam como um importante mecanismo de coerção social que é parte do processo de elaboração/construção da identidade homoerótica, o que não equivale dizer, entretanto, que estes mesmos fatores coercitivos determinem a orientação sexual das pessoas. (GOMES; LUCCA, 2011, p. 99).

Assim, podem-se considerar as brincadeiras também como uma forma de violência que reproduz a homofobia e o discurso heteronormativo da sociedade, com objetivo de oprimir as sexualidades que fogem a este padrão.

O *bullying* não se resume somente à agressão física e verbal direta, mas também pode ser expresso através de olhares, risos, feições de desprezo e de ironia e até mesmo em ignorar a pessoa e excluí-la de certas atividades, ou seja, atos que de algum modo discriminam o indivíduo do grupo de acordo com suas características, como demonstrado em Borges et al (2011):

Como se sabe, os indivíduos são resultado de suas relações estabelecidas em sociedade. Somos e nos construímos em contato com os outros. Nesse sentido, a discriminação homofóbica chega até a escola de várias formas, podendo ser

simétrica – entre alunos, jovens da mesma idade ou do mesmo ano escolar – ou assimétrica, vinda de brincadeiras, risos, silêncios ou mesmo da indiferença dos professores ou funcionários da instituição que deveriam educá-los e protegê-los. (BORGES et al., 2011, p. 23).

Estes comportamentos homofóbicos podem gerar resultados como evasão escolar e prejudicar inclusive a saúde de alunos, provocando estresse. Na oficina realizada com uma das turmas da escola, um aluno disse “para mim não tem essa de ser viado ou preto, acho que o cara não estuda porque não quer”, evidenciando também certo desconhecimento entre os alunos quanto aos efeitos provocados pelo *bullying*, além de, na própria fala, reproduzir um palavrão homofóbico. Apesar disso, os alunos observados e os entrevistados disseram sofrer mais com o problema da homofobia fora da escola, como o aluno homossexual entrevistado o qual relatou que, enquanto estava dentro de um ônibus do transporte coletivo, dois militares do Exército estavam-no ameaçando de agressão, mas ambos desceram em uma parada antes da que o aluno desceria.

As situações de violência não atingem somente alunos de sexualidades consideradas dissidentes. Em conversa com uma aluna heterossexual, esta diz ter sofrido agressões e ameaças da mãe, sendo que quando havia discussão entre elas, a mãe a arranhava, deixando inclusive marcas, mas quando a aluna não discutia, a mãe apenas a ameaçava, como uma ocasião a mãe ameaçou expulsá-la de casa. Outro caso, o qual foi apenas relatado por alunos, foi de uma menina da escola “Arlindo Andrade Gomes” que cortou com um canivete o rosto de uma menina de outra escola que tinha ido à referida escola brigar com ela; os alunos não informaram qual aluna que cometeu a agressão.

Em entrevista com dois alunos heterossexuais (um homem e uma mulher), o aluno diz não conhecer homossexuais na escola, enquanto a aluna conhece apenas alguns. Estas afirmações podem apontar para a situação de homossexuais que não assumem sua orientação sexual, sendo este também, um efeito que as relações de poder heteronormativas provocam sobre os alunos. Utilizando o conceito de “armário”, também usado em Gomes e Lucca (2011):

O ‘armário gay’ seria, portanto, um estado de ocultação da orientação homoerótica do indivíduo para que este não sofra as punições impostas pelo meio social do qual faz parte. ‘Estar no armário’ representa uma condição que muitos(as) homossexuais se submetem para que as expectativas construídas a partir da simbologia de seu sexo não sejam rompidas. (GOMES; LUCCA, 2011, p. 97).

Assim, pode também haver alunos de sexualidades consideradas dissidentes que não aceitam sua própria orientação devido à reprodução de brincadeiras homofóbicas que, enquanto alguns consideram como uma simples brincadeira, outros podem se sentir ofendidos e não assumirem sua orientação sexual (“sair do armário”) por receio da repressão que possam vir a sofrer, inclusive dentro do ambiente escolar, considerado por alguns alunos como “pacífico”, afinal, o ato de “sair do armário” não se resume apenas a “se assumir” (ir de dentro para fora), mas é necessário sair de vários “armários”, pois o aluno deverá se assumir para os pais, para os colegas, para os professores, entre outros, ou seja, não é apenas de um único “armário” que a pessoa homossexual deve sair.

Outros casos em que o palavrão é utilizado são os momentos em que os alunos demonstram insatisfação, seja com alguma pessoa, seja com alguma ação que elas realizam. Alguns exemplos desses casos são quando, enquanto realizam algum exercício da matéria, encontram alguma dificuldade, ou como uma resposta a alguma brincadeira realizada por outro aluno. Assim, nestes casos de insatisfação, muitos alunos xingam a pessoa (mesmo sem ela escutar) e, novamente, são usados nas falas palavrões que remetem à ideia da homossexualidade e do feminino como algo depreciativo, evidenciando a grande presença destes palavrões no vocabulário dos alunos.

Ao final da pesquisa, após o término das observações, foi realizada uma oficina com as turmas de 1º a 3º ano do ensino médio noturno do “Arlindo Andrade Gomes” para observar o que os alunos entendem por *bullying*, se já observaram alguma ocorrência e a reação deles quanto ao material apresentado. Quanto à definição, alguns alunos souberam responder o que significava e disseram que já haviam visto alguns casos, como alguém ser zombado por ser gordo, que é o que consideram mais comum, por ser manco e um aluno disse que possui o apelido de “baiano”, apesar disso, ainda manteve-se o tom de “piada” entre muitos, os quais, principalmente homens, riam enquanto expunham alguns casos que consideravam *bullying* e assistiam a alguns vídeos apresentados durante a oficina, como foi o caso durante vídeo “Meninas de azul, meninos de rosa”, em que, no depoimento de um jovem sobre como ele se descobriu homossexual e o que ele sentia sexualmente em relação a homens e mulheres, houve risadas e várias expressões de zombaria, além do comentário citado anteriormente feito por um aluno, “para mim não tem essa de ser viado ou preto, acho que o cara não estuda porque não

quer”, sobre a ideia exposta de que o *bullying* pode levar a evasão escolar, evidenciando como o discurso heterossexista e racista está legitimado na sociedade, e como ele é reproduzido pelos alunos, além da ineficiência da escola em medidas para combater estes problemas por esta também reproduzir estes determinados discursos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A homofobia pode ser expressa de diferentes formas, seja por violência física e/ou verbal, seja por brincadeiras, sarcasmos, feições ou exclusão de uma pessoa devido a suas características. Estas situações são também denominadas de *bullying*.

Com esta pesquisa, foi concluído que uma das principais formas de reprodução do discurso heterossexista é o palavrão, utilizado em brincadeiras e na expressão de insatisfação dos alunos. Os palavrões mais utilizados fazem referência à homossexualidade e ao feminino como características depreciativas, sendo que nas brincadeiras, quando o objetivo é ofender o outro indivíduo, são usados estes palavrões de cunho homofóbico. Também evidencia como a escola auxilia na formação de “meninos masculinos” e “meninas femininas”, mas este fato não é culpa somente da escola, pois esta é apenas um dos meios da sociedade heteronormativa para reprodução da norma.

Apesar disso, de acordo com Miskolci:

Em outras palavras, pouco adianta apenas trocar os sinais: se antes se educava todo mundo para a heterossexualidade, punindo ou ignorando quem não a seguisse, passar a educar para o binário, hetero ou homo. Além de manter o impulso normalizador, apenas ampliando o número de possibilidades para um conjunto restrito de identidades disponíveis no presente, essa forma de educar passa a exercer ainda mais pressão social sobre as crianças ou adolescentes, pessoas em formação, para que se definam logo e adotem uma identidade. (MISKOLCI, 2012, p. 18).

Ou seja, a solução não seria continuar reproduzindo um binarismo quanto à identidade, afinal, as identidades não são fixas e as pessoas vão mudando no decorrer de suas vidas,

resultando em um desafio extra de superar a ideia da educação sexual como orientação, o que causa normalização das identidades e práticas.

Não foram observadas situações de agressão física ou verbal de um grupo ou indivíduo direcionado explicitamente a um indivíduo homossexual, mas os palavrões de cunho homofóbico são utilizados amplamente tanto por alunos heterossexuais quanto homossexuais, como evidenciado nas entrevistas. Apesar disso, de acordo com a fala de um aluno, mostra-se a insatisfação de homossexuais em serem referidos com os palavrões anteriormente citados, podendo-se levar à possibilidade de homossexuais não assumirem sua orientação sexual (não “saírem do armário”) devido a um receio de sofrerem discriminação e até algum tipo de violência. Pode-se observar a concepção de “brincadeira” por parte dos alunos, que, mesmo que o palavrão possua sentido homofóbico, não consideram possuir um sentido agressivo.

A utilização do cunho homofóbico e sexista nos palavrões deve-se à formação social dos alunos pelo discurso heterossexista da sociedade, o qual considera características que transgridam o comportamento tido como “normal” (neste caso, homossexual e feminino) como depreciativo, utilizando os palavrões como forma de ofender o outro, independente se o outro é ou não homossexual, como forma de brincadeira ou expressão de indignação.

REFERÊNCIAS

BORGES, et al. Percepção de professoras de ensino médio e fundamental sobre a homofobia na escola em Santa Maria (Rio Grande do Sul/Brasil). *Educ. rev.*, n. 39, p. 21-38, 2011.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil, 2002.

CRUZ, AR. Homossexualidade, homofobia e a agressividade do palavrão: seu uso na educação sexual escolar. *Educ. rev.*, n. 39, p. 73-85, 2011.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro, RJ: Edições Graal, 1988.

FRANÇA, Genival Veloso de. *Medicina legal*. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1985.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro, RJ: LTC, 2008.

GOMES, A. M.; LUCCA, Paulo R. Uma luz no fim do armário: aspectos sociais da construção do homoerotismo. In: PASSAMANI, Guilherme R. (Org.). *(Contra) Pontos: ensaios de gênero, sexualidade e diversidade sexual*. Campo Grande, MS: Editora UFMS, 2011. p. 93-103.

LEITE JÚNIOR, J. *Das maravilhas e prodígios sexuais: a pornografia*. São Paulo: Annablume/ Fapesp, 2006. 315p.

MISKOLCI, Richard. *Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças*. 2. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2012. v. 1. 84p.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. *CID-10 Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde*. 10. ed. São Paulo, SP: Universidade de São Paulo, 1997.

PASSAMANI, Guilherme Rodrigues. *O arco-íris (des)coberto*. Santa Maria, RS: Ed. Da UFSM, 2009.